

Secreta preocupada com a má imagem

Estudo defende aproximação dos serviços de informação aos media



GRANDE PARTE das notícias que são publicadas desvalorizam estes serviços

MANUEL MOLINOS

Tem a designação de 'secreta' por isso mesmo: o que fazem é secreto e não é para estar ao alcance de todos. Mas os serviços secretos não gostam dessa imagem, que os liga a outros termos mais próprios da 'guerra fria', como espões. Depois, bem, depois há a ideia generalizada de que pouco fazem e que o que fazem é mal-feito.

É esta imagem que sobressai num estudo inédito ontem apresentado em Portugal, segundo o qual os vários serviços de informação e segurança devem ter uma relação mais estreita com os media.

"Seria interessante a criação de um gabinete de relações públicas, por forma a servir de 'link' ou 'portavoz' dos serviços", refere ao JN o autor da tese, Pedro Simões.

A conclusão é extraída após a análise de entrevistas realizadas a uma série de personalidades ligadas à 'secreta', como o general Chito Rodrigues, ex-director da DINFO (Departamento de Informações), Daniel Sanches, ex-director-geral do SIS (Serviços de Informações e Segurança), general Vizela Cardoso, ex-director-geral da DIMIL (Departamento de Informações Militares), Dias Loureiro, ex-ministro da Administração Interna,

Heitor Romana, director-geral-adjunto do SIEDM (Serviços de Informações Estratégicas de Defesa Militar), Rui Pereira, na altura director-geral do SIS e actual secretário de Estado da Administração Interna, entre outros.

"Grande parte das notícias que são publicadas desvalorizam estes serviços, referem-se a coisas menos boas, porque, também, os resultados das investigações são confidenciais". De que, "apesar dos seus princípios de confidencialidade e independência", urge a necessidade de estabelecer uma ponte com a imprensa, para que a "opinião pública não seja informada de forma errada".

Também Heitor Romana, professor universitário especialista em informações estratégicas, defende, ao JN, a mesma ideia: "Corresponde à necessidade própria de uma sociedade global, em que a Comunicação Social faz parte de um subsistema".

Casos mediáticos

Analisando casos mediáticos, o autor do estudo refere que, em relação ao caso 'SIS/Moderna', das 53 notícias, 47 mostravam um pendor negativo (89%), seis neutras (11%) e zero positivas. Já em relação ao caso 'SIEDM/Veiga Simão', das 59 notícias, 52 tinham pendor negati-

SIS

O Serviço de Informações e Segurança tem cerca de 280 funcionários. A maior parte possui licenciatura. Os 'espões' são sobretudo analistas ou operacionais. Dados sobre terrorismo, espionagem industrial e guerra dominam as investigações. Trabalham em estreito relacionamento com serviços congéneres além fronteiras.

vo (89%), cinco eram neutras (8%) e duas mostravam alguma positividade (3%).

À questão 'existe tendência por parte dos media em minimizar ou desvalorizar o trabalho dos SIS?', 17% respondeu positivamente, 28% das respostas foi negativa, enquanto mais de metade dos inquiridos nada avançou sobre o assunto.

Em jeito de conclusão, a maioria destas personalidades ligadas à 'secreta' portuguesa sustenta que "deve haver uma maior ligação entre a comunidade de informações e a Comunicação Social". Mas, acima de tudo, pensa que deve ser um elemento da especialidade, com bons conhecimentos no meio,

a estabelecer a ligação estreita entre quem produz informações e quem as difunde para conhecimento da população".

O problema é que, segundo Pedro Simões, em Portugal há poucos jornalistas com formação na área. "Podem ser cometidos ao Instituto da Defesa Nacional, ao próprio SIS ou SIEDM, a articulação e colaboração com institutos e escolas superiores de Comunicação Social. Deste modo, aos futuros jornalistas seria proporcionado o contacto directo com uma realidade que muitas vezes desconhecem, ou da qual têm ideias feitas por 'ouvir dizer', ou ainda por absoluta falta de informação, propõe Pedro Simões.

Simbolismo negativo

A imagem dos serviços de informação passa também, por exemplo, pela carga semântica da utilização de termos como 'espões e serviços secretos'. E a maioria dos inquiridos que deram a opinião (34%) considera negativo esse simbolismo.

Alvo do estudo foram ainda as polémicas escutas telefónicas. A maioria dos inquiridos (31%) concordou com a impossibilidade imposta aos Serviços de Informações para as executarem. Apenas 10% dos inquiridos aceita a alteração do regime imposto.

Perfil do espião

O universo dos inquiridos no estudo de Pedro Simões considera o perfil de um agente de informações como:

- Um intelectual superior
- Um grande homem
- Um homem de vigilâncias
- Homem influenciável
- Discreto
- Indivíduo laborioso
- Extremamente profissional
- Patriota
- Discreto e informado
- Cidadão anónimo
- Extremamente inteligente
- Equilibrado
- Pessoa 'cinzenta'
- Cidadão anónimo
- Extremamente inteligente
- Equilibrado
- Pessoa 'cinzenta'

Ex-ministros, directores e jornalistas

A tese de Pedro Simões, professor universitário e um dos assessores da presidência do Conselho de Ministros, aborda as relações entre a 'Sociedade de Informações do Estado' (vulgo SIS, entre outras estruturas) e a Comunicação Social.

O ensaio conta com um conjunto de elementos compilados sobre o sector e envolve um vasto conjunto de entrevistados, onde cabem personalidades como os ex-ministros da Administração Interna, Ângelo Correia e Dias Loureiro, o ex-director dos Serviços de Informação e Segurança, Rui Pereira (actual secretário de Estado da Administração Interna) e jornalistas, entre muitos outros. Rui Pereira foi cabeça de cartaz na discussão deste tema sobre 'As Relações entre a Comunidade de Informações e a Comunicação Social'.